



Boletim do Museu Paraense Emílio

Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi

Brasil

Antunes Maciel, Márcia Regina; Guarim Neto, Germano

Um olhar sobre as benzedeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas
para benzer e curar

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 1, núm. 3, septiembre
-diciembre, 2006, pp. 61-77

Museu Paraense Emílio Goeldi
Belém, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394034981003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Um olhar sobre as benzedeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar¹

Juruena local healers and the plants and verbal blessings
they use for healing in Mato Grosso, Brazil

Márcia Regina Antunes Maciel ^I
Germano Guarim Neto ^{II}

Resumo: O ‘benzimento’ é forma antiga no tratamento de várias doenças, utilizada na Europa desde a Idade Média. No Brasil, os benzedeiros surgiram a partir do século XVII. Interpretações dos conhecimentos, uso tradicional dos recursos vegetais e manejo realizado por benzedeiros, raizeiros e parteiras são fonte de pesquisa nos estudos etnobotânicos. Benzedeiros indicam plantas para efeito de cura ou como amuletos protetores, com a presença destas formas de uso da flora na cultura popular. Este estudo foi realizado em Juruena, Mato Grosso, com aplicação de técnicas de observação participante, entrevistas semi-estruturadas (questões abertas/fechadas) gravadas e amostras intencionais e a realização de coleta de material botânico, depositado no Herbario da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Teve o objetivo de compreender a importância das benzedeiras, identificar etnobotanicamente as plantas utilizadas, formas de prescrição e manipulação. Foram entrevistadas quatro benzedeiras no período de setembro de 2002 a novembro de 2003, as quais demonstraram um conhecimento etnobotânico expressivo. Estas benzem, preparam e receitam chás, garrafadas, banhos e ungüentos. As enfermidades tratadas foram agrupadas em duas categorias: doenças físicas (dor-de-dente, dor-de-barriga, verminoses, cobreiro, arca-caída, rendidura, erisipela etc) e doenças espirituais (quebranto, mau-olhado, pessoas carregadas, encosto). Foram relatadas 87 etnoespécies, distribuídas em 31 famílias botânicas, dentre as quais se salientam erva-de-Santa-Maria (*Chenopodium ambrosioides* L.), chapéu-de-couro (*Echinodorus macrophyllus* Miq.), quina-do-mato (*Strychnos* sp St. Hil.), ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo), arruda (*Ruta graveolens* L.), guiné (*Petiveria alliacea* L.) e comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta* L.). A medicina popular praticada pelas benzedeiras vem ao encontro dos anseios das pessoas que buscam alívio para seus males, com valores e herança cultural inseridos nesta prática de benzimento, que se mantém viva em Juruena.

Palavras-chave: Etnobotânica. Benzedeiras. Recursos vegetais. Mato Grosso.

^I Universidade do Estado de Mato Grosso. Campus de Tangará da Serra. Professora. Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil (marciamaciei.tl@bol.com.br).

^{II} Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Biociências. Departamento de Botânica e Ecologia. Cuiabá, Mato Grosso, Brasil (guarim@ufmt.br).

¹ Trabalho apresentado no 54º Congresso Nacional de Botânica, Belém, Pará.



Abstract: Quack benediction has been used in Europe since the middle ages to treat lots of illness. In Brazil the *bezendores* appeared during the XVII century and interpretation of their knowledge, traditional use and management of plant resources are commonly addressed in ethnobotanical studies. Brazilian *bezendores* prescribe plants that can be used as medicine or as an amulet for personal protection. This use of plant material are present in the national popular culture. The present study was carried out at the municipality of Juruena, in Mato Grosso state, and it aimed to understand the importance of *benzedeiras*, to identify the plants used by them and how they are prescribed and manipulated. To reach the objectives we used techniques of participant-observation, semi-structured interviews and intentional samples. Additionally botanical material were collected and is deposited in the UFMT Herbarium. Four *benzedeiras* were interviewed between September/2002 and November of 2003 and they revealed an expressive botanical knowledge relating to quack benediction. They can benzer, prepare and prescribe teas, bottle preparative, medicinal baths and unguents. The illness cited by the *benzedeiras* was grouped as physical (for example, toothache, bellyache), and spiritual. A total of 87 ethno-species was mentioned arranged in 31 botanical families and between them it is important to pointing out *erva-de-Santa-Maria* (*Chenopodium ambrosioides* L.), *chapéu-de-couro* (*Echinodorus macrophyllus* Miq.), *quina-do-mato* (*Strychnos* sp.), *ipê-roxo* (*Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo), *arruda* (*Ruta graveolens* L.), *guiné* (*Petiveria alliacea* L.), *comigo-ninguém-pode* (*Dieffenbachia picta* L.). The popular medicine practiced by *bezendeiras* meets the necessities of people that is looking for the cure for its own problems. Values and cultural heritage are inserted in the “benzimento” and this culture is alive at Juruena.

Keywords: Ethnobotany. Benzedeiras. Plant resources. Mato Grosso.



INTRODUÇÃO

No Brasil, os benzedores surgiram a partir do século XVII e as interpretações dos conhecimentos, uso tradicional dos recursos vegetais e manejo realizado por benzedores, raizeiros, parteiras são fonte de pesquisa nos estudos etnobotânicos. Benzedores indicam plantas para efeito de cura ou como amuletos protetores, estando esta forma de uso da flora presente na cultura popular.

As plantas figuram junto ao ser humano desde os primeiros tempos e ainda hoje são utilizadas pelas diversas camadas da população brasileira, em especial as de uso medicinal ou aquelas empregadas em rituais e cerimônias religiosas.

Cândido (1987) argumenta que os benzedores e benzedeiras são tidos como práticos de remédios vegetais, salientando também como são raros os conhecedores da flora medicinal, onde o uso está restrito às receitas da medicina caseira.

Os benzedores atuam como intermediários entre o ser humano e o sagrado, devendo conservar o ritual de preces, cruz e fórmulas. Na cosmovisão de Laplantine e Rabeyron (1989), a medicina popular pode estar ligada à práticas de prevenção e de cura, fundamentadas numa visão do ser humano e do cosmos que estes autores classificam antropologicamente de ‘mágica’.

Oliveira (1985) descreve a imagem da benzedeira como sendo sempre uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que domina as rezas e ervas e faz massagens, cataplasma e chás. Ela é considerada, por aqueles que buscam alívios para suas doenças, como cientista popular, misturando o mundo místico e os conhecimentos curativos das plantas. No aspecto religioso, a maior parte das benzedeiras é católica, sempre religiosa e, embora nem sempre freqüentem igrejas, guardam consigo as representações que a religião propicia, lançando mão dos símbolos e códigos que permeiam o ato de benzer e curar.

Vários autores registram a presença de benzedores em diferentes regiões brasileiras, entre os quais são citados os trabalhos realizados no Nordeste, entre os caipiras do interior paulista, caiçaras do litoral, em São Paulo, e entre caboclos amazônicos (ARAÚJO, 1977; QUEIROZ, 1980; CÂNDIDO, 1987; AMOROZO, 1999). Em Amorozo (1999) ainda há o registro de benzedores para Santo Antônio do Leverger e em Januário (2006) e a indicação desta prática em uma comunidade ribeirinha, em áreas do estado de Mato Grosso.

A medicina popular é, de início, uma medicina tradicional, o que não representa imutabilidade, e seu modo de transmissão é oral e gestual, através do ‘ouvir-falar’ e ‘ver-fazer’, que dá-se por meio da família ou vizinhança (PORTUGAL, 1987). A prática da medicina doméstica não é apenas herdada, mas também aumentada e diversificada através dos relacionamentos existentes entre as pessoas de diversas regiões do país, sendo as benzedeiras, em parte, responsáveis por tais práticas.

Estudos mostram o largo uso medicinal das plantas, como o realizado por Ming *et al.* (2003), que comentam acerca do aumento nesta linha de pesquisa, crescente em todo o mundo e também visível no Brasil, como se percebe nas contribuições de Guarim Neto (1996), Di Stasi e Hiruma-Lima (2002), Guarim Neto e Morais (2003), Pasa, Soares e Guarim Neto (2005), Matos e Lorenzi (2005). Vários motivos levam as pessoas a utilizarem plantas com fins terapêuticos, seja de ordem médica, social, cultural, econômica ou, ainda, filosófica.

Segundo Bacchi (1996), a difusão do uso de plantas medicinais não apenas no Brasil, mas em outros países, é uma crescente. Salienta, ainda, que antes apenas populações do interior cuidavam das plantas comestíveis e medicinais, usando-as apenas para cura das mais variadas enfermidades, por conhecimento adquirido dos avós e bisavós.

Há muito tempo os seres humanos buscam alívio para seus males corporais ou espirituais nas plantas,



através dos chás, banhos, ungüentos, tinturas caseiras ou nas benzeções. No Brasil é comum a troca de receitas que envolvem plantas na cura de enfermidades. Geralmente tais fórmulas foram elaboradas por pessoas mais idosas que experimentaram, testaram e aprovaram estas receitas. Estas pessoas guardam consigo os segredos da cura através de suas ‘mezinhas’ preparados medicinais já discutidos por Carneiro (1994). São as avós, tias, comadres, benzedeiras e rezadores, xamãs, que mantêm esse milenar hábito de uso das plantas na medicina não oficial da cultura brasileira, e em muitas localidades é o único auxílio ‘médico’ existente, especialmente em áreas onde centros de atendimento médico são inexistentes ou muito distantes.

A Etnobotânica, um campo interdisciplinar que comprehende estudos e interpretações dos conhecimentos como significado cultural, manejo e uso tradicional da flora, tem ligações com este universo de rezas e poções que envolvem plantas e pessoas. Seu principal objeto é o estudo das sabedorias botânicas tradicionais, compreendendo o estudo das interpretações e conhecimento, o significado cultural, manejo e uso tradicional dos elementos da flora (BARRERA, 1983).

Atualmente, o estudo do manejo e tipos de uso dos recursos vegetais, em particular os relacionados à plantas medicinais, merecem atenção especial por parte dos estudiosos que se preocupam com o potencial e riqueza dos recursos vegetais. O conhecimento empírico sobre o tratamento de diferentes males que perturbam o homem é geralmente evidenciado em conversas com pessoas idosas, que por vários motivos carregam consigo informações preciosas. O resgate dessas informações faz-se necessário, pois as mesmas servem de subsídios para o conhecimento do potencial da flora nacional (GUARIM NETO, 1987).

Neste contexto, inserem-se rezadores, erveiros, benzedores e benzedeiras, estes como especialistas, que mantêm através de suas fórmulas e simbolismo

nas rezas, segredos dos vários usos acerca das plantas, tanto para fins medicinais na busca da cura de doenças do corpo, como para ‘banhos’ visando à cura de ‘doenças da alma’. Ressalta-se, aqui, que corpo e alma são ressignificados em universo plural, holístico, cósmico.

Assim, o presente estudo realizado no município de Juruena, Mato Grosso, tem como objetivo compreender a importância das benzedeiras neste município, identificar etnobotanicamente as plantas utilizadas, formas de prescrição, manipulação e principais doenças tratadas pelas mesmas.

Caracterização do município de Juruena

A história da ocupação do território mato-grossense pelo não-índio remonta ao século XVIII e está ligada à expansão territorial da colônia e ao extrativismo mineral. Desde então, a região vem chamando a atenção pela exuberância de sua natureza e por suas riquezas naturais (NETO, 2003).

Já no século XIX, a região que compõe o município de Juruena foi muito movimentada por exploradores aventureiros e seringueiros. Com o desenvolvimento da extração da borracha a partir de 1950, também os garimpeiros exploram os rios, em busca de ouro e diamantes. As principais atividades econômicas estão ligadas ao extrativismo vegetal e mineral, atividades pecuárias e agricultura de subsistência (FERREIRA, 2001).

O município de Juruena foi desmembrado da área territorial do município de Aripuanã, criado pela Lei nº 5.3113, de 4 de outubro de 1988, composto da sede e do distrito de Cotriguaçu (posteriormente desmembrado e emancipado) e cujo número de habitantes está em torno de 5.464 habitantes, dos quais 3.311 são eleitores (FERREIRA, 2001; IBGE, 2000).

Juruena está há 880 km de Cuiabá, com coordenadas 10° 19' 46" latitude sul 58° 29' 43" Oeste Gr, com extensão territorial de 3.368,81 km². Na localização geográfica está inserida na mesoregião norte Mato-grossense, microrregião Aripuanã. Limita-se com os



municípios de Castanheira, Aripuanã, Juara e Nova Bandeira (Figura 1). O clima é equatorial quente e úmido, com 2 meses de seca, de junho a julho, e a precipitação anual é de 2.750 mm, em média, com intensidade máxima de 40°C e mínima de 4°C (FERREIRA, 2001).

Nesse ambiente, pessoas interrelacionam-se e os saberes são experimentados e revelados através de um conhecimento que tradicionalmente consolidou-se e permeia o cotidiano dessas pessoas, tendo ao fundo a presença majestosa da floresta, que deve ser mantida e preservada, pois nesse *locus* de vivências e experiências, o ‘saber-fazer’ é importante para a própria continuidade da vida social, cultural e econômica e também imprescindível para a

manutenção de práticas de cura, gradativamente reduzidas pela expansão das áreas urbanas, que buscam copiar o que acontece nos grandes centros urbanos.

Juruena: no contorno da vegetação amazônica, o saber local desvelado

A vegetação do entorno do município de Juruena é Amazônica, maior ecossistema em diversidade biológica do mundo, representando a mais extensa floresta tropical existente, além de ser o maior bioma brasileiro. Embora a região fosse tradicionalmente vista como um bioma relativamente homogêneo, hoje já é sabido que se trata de um mosaico de distintos ecossistemas que abrigam comunidades heterogêneas, tanto em



Figura 1. Localização geográfica do município de Juruena, Mato Grosso, Brasil.



composição quanto em diversidade (PRANCE; LOVEJOY, 1985 *apud* FERREIRA, 2001).

Devido à sua grande área de superfície, a Amazônia ainda possui vastas extensões cobertas por florestas úmidas, sendo, juntamente com o cerrado, o bioma que possui as maiores taxas de conversão de florestas em uso agropecuário. Outras pressões sobre este ecossistema vêm se agravando ao longo do tempo, como as derrubadas praticadas pelas indústrias madeireiras, o garimpo do ouro, os megaprojetos agropecuários que ocasionam incêndios, destruição da flora e fauna, erosão, contaminação dos cursos d' água por agrotóxicos, destruição de reservas etc. É importante salientar, também, a mineração industrial, onde a degradação da paisagem, poluição e impactos socioeconômicos são agravantes (FERREIRA, 2001).

A Amazônia possui extensa área densa de floresta tropical, alta diversidade de espécies animais e vegetais, distribuídas numa diversidade de ecossistemas terrestres e aquáticos, traduzindo em um enorme potencial econômico e de recursos genéticos (REVILLA, 2001).

Pasa (1999) afirma que a Amazônia teve e tem grande importância no desenvolvimento e compreensão da relação comunidade e meio ambiente, em especial no que refere às estratégias de sobrevivência e estrutura social.

Nesse universo vegetacional, Juruena aparece como um local onde a floresta – o verde – tem importante papel no cotidiano de seus moradores, mesmo daqueles que habitam a área urbana.

Em Juruena, a prática da benzeção é um atributo de pessoas que têm respeito e aceitação da comunidade. São pessoas, em geral, muito simples, mas que carregam consigo uma aura que faz com que sejam consideradas especiais, mesmo quando não exercendo a atividade de benzer.

A busca pela cura através das rezas e benzeções provavelmente estabelece um elo muito forte na

comunidade, onde seres humanos de diferentes regiões passaram a habitar e a conviver com os recursos nativos da floresta, incorporando, ainda, o conhecimento que trouxeram das suas regiões de origem.

Vale salientar que a literatura registra contribuições eficientes quando se trata de seres humanos e ambiente e da relação que se estabelece a partir de atividades cotidianas exercitadas no âmbito da comunidade.

Nesse sentido, buscando a partir da literatura clássica, vale ressaltar as contribuições de Wagley (1957), Galvão (1976), Cândido (1987), Furtado (1987, 1993) e, mais recentemente, Diegues (2000), Diegues e Moreira (2001), que mostram a forma como, em ambientes diferenciados, se manifesta uma relação entre pessoas e ambiente, propiciando formas diversificadas de entendimento e respeito. Ao mesmo tempo, é possível retirar desses autores indicadores perfeitos para ações que visem à conservação e à manutenção de saberes, nos seus mais diferentes componentes: biológico, social, cultural e na dimensão humana que pode ser vislumbrada quando se adentra em uma comunidade.

Em Juruena, este saber tradicional pode ser desvelado através da prática de suas benzedeiras, as quais mesclam códigos, símbolos, crenças em uma atividade que mostra a aura que emana a partir dos seus gestos e atitudes no momento mágico das benzeções.

MÉTODOS E TÉCNICAS

A abordagem metodológica: o caminho percorrido

...Deve-se ter uma metodologia geradora de dados...
(POSEY, 1987).

Existem várias modalidades de técnicas de pesquisa das falas, estas mais ou menos flexíveis ou abertas, opiniões, representações, idéias ou concepções dos informantes ou seres humanos pesquisados.



Segundo Noda (2000), a abordagem etnoecológica é instrumento de campo utilizado para investigar o conhecimento a respeito do uso que uma população faz dos recursos naturais existentes.

Para Posey (1977), o maior problema que qualquer investigador defronta ao lidar com outras culturas é impor suas próprias idéias e categorias culturais a seus informantes ou consultores culturais, como descrença, desagrado e reprovação. Este autor ainda alerta para a sempre necessária observação da qualidade e não da quantidade de dados e aponta uma grande desvantagem dos pesquisadores em campo, quando estes já trazem suas hipóteses de pesquisas formuladas, em que conceitos etnocêntricos podem estar inseridos.

Seguindo o mesmo pensamento, Vierterler (2002) comenta que a técnica onde se usa o questionário é fechada aos dados êmicos que, por ser desenvolvida pelo pesquisador no gabinete e não no campo, 'dá primazia' aos dados éticos, ou seja, às idéias, hipótese e categoria do mundo cultural do pesquisador.

A pesquisa em Etnobotânica baseia-se em dois pontos principais: a coleta de plantas e a coleta de informações sobre o uso destas plantas. Quanto mais detalhadas forem as informações, maiores as chances da pesquisa oferecer subsídios interessantes para avaliar a eficácia e a segurança do uso de plantas para os diversos fins (AMOROZO, 1996). Ainda, as coletas de informações etnobotânicas baseiam-se em procedimentos de campo, comuns na pesquisa antropológica, como a observação participante, o uso de formulários e entrevistas (anotadas ou gravadas).

Partindo destes pressupostos, neste estudo aplicou-se a técnica de entrevistas gravadas com auxílio de questionário-guia, que foram organizadas de forma semi-estruturada com questões fechadas ou abertas. Alguns tópicos foram fixados previamente, outros redefinidos *in loco* e anotações complementares ocorreram durante a permanência no local, com conseqüente registro em diário de campo.

Outras técnicas também foram utilizadas, como a observação participante, que, segundo Neto (1994), se processa através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, visando a obtenção de maiores informações acerca da realidade local e atendendo aos pressupostos de Greenwood (1973), quando da descrição densa do fato observado. Becker (1993) complementa com a afirmação de que o observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda, como feito neste estudo em Juruena.

Segundo Thiolent (1994), em pesquisa convencional, ao planejarem amostras de pessoas informantes, os pesquisadores costumam recorrer às amostras intencionais. Estas amostras tratam de um pequeno número de pessoas escolhidas intencionalmente devido à sua função relevante em relação a um determinado tema, técnica também empregada neste estudo, onde as benzedeiras constituíram as amostras intencionais.

O contato com os informantes da comunidade de Juruena foi facilitado pelo Instituto Pró-Natura, o qual funcionou, em um primeiro momento, como agente sensibilizador, apresentando a equipe aos informantes que desempenhavam diferentes funções na comunidade. Tais informantes foram indicando outros e, assim, o que é denominado por Becker (1993) de "bola de neve", ocorreu e as benzedeiras foram efetivamente localizadas entre a população. Este tipo de amostragem facilita o acesso de forma conveniente, onde se conhece alguém que pode ser observado ou entrevistado e este indivíduo o apresenta aos outros, ou seja, será o seu fiador. Sendo o pesquisador conhecido, o acesso e a confiabilidade dos demais estará facilitada. O autor ainda salienta que é prudente revelar seus propósitos de pesquisa, porque suas perguntas exigirão explicação e isto aumentará a confiabilidade entre as partes.



A coleta dos dados

A coleta de dados em tais estudos reflete uma ampla seqüência de informações e coletas sobre como as pessoas locais interagem com seu ambiente, como o saber se manifesta e se dissemina.

A pesquisa de campo ocorreu entre novembro de 2002 e setembro de 2003, no município de Juruena, abrangendo tanto a área urbana como a rural. No presente estudo o tamanho da amostra foi determinado *in loco*, através do processo ‘bola-de-neve’, de forma intencional, ou seja, englobando apenas as benzedeiras.

As visitas aos domicílios ocorreram na manhã ou no final da tarde, com a intenção de expor o estudo e proporcionar às pessoas a participação no processo de pesquisa.

As entrevistas ocorreram de forma individual nos locais de moradia das benzedeiras, que tiveram liberdade para responder às questões do formulário e acrescentar informações que julgassem importantes. Foram efetuadas caminhadas pelos quintais, hortas, jardins e roças das informantes, que apontavam plantas e indicavam o nome vulgar da espécie (etnoespécie), as formas de uso e outras informações. As principais espécies foram fotografadas e material botânico fértil foi coletado na presença das informantes. Exsicatas foram preparadas conforme as técnicas estabelecidas em coletas botânicas, visando à identificação deste material, que foi efetuada no Laboratório de Botânica e Ecologia da Universidade Federal de Mato Grosso. O material botânico coletado encontra-se depositado no Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT Herbário).

As fotos e depoimentos foram obtidos com a devida autorização das benzedeiras, às quais sempre foi salientado o objetivo do trabalho e reafirmado o resultado final da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Juruena foram entrevistadas quatro benzedeiras, que demonstram um conhecimento botânico expressivo. Os dados socioeconômicos obtidos revelaram que a idade variou entre 45 e 68 anos e o tempo de moradia em Juruena entre 10 e 22 anos. A renda familiar encontra-se entre 1 e 3,5 salários mínimos, sendo que uma declarou não possuir renda. Das entrevistadas, uma não estudou e as demais possuem o ensino fundamental incompleto. Quanto à origem das informantes, uma migrou de Rondônia e as outras vieram da região sul do país (Rio Grande do Sul e Santa Catarina). As profissões declaradas foram ‘do lar’ e agricultora, que manuseiam a terra no plantio da agricultura de subsistência.

O benzimento é feito em suas casas ou mesmo à distância, variando entre a varanda, um quarto separado ou mesmo no quintal. Podem utilizar pequenos ramos de plantas como a arruda (*Ruta graveolens* L.), guiné (*Petiveria alliacea* L.) e alecrim (*Rosmarinum officinale* L.), ou qualquer outra, além do uso de crucifixos, vela ou apenas as mãos, conforme depoimento abaixo:

O cobreiro este sim, eu uso ramo. (Benzedeira, 60 anos).

Durante o benzimento recitam orações em baixo tom de voz, que podem ser o Pai-Nosso, a Ave-Maria ou orações específicas para determinado tipo de doença material ou espiritual, portanto, observa-se que algumas destas ‘orações’ pertencem à religião católica ou estão ligadas a ela por meio dos ‘santos’ mencionados em suas rezas e falas. Com a permissão de umas das informantes transcreveu-se uma oração recitada no benzimento de verminoses:

*Cria, cria, cria, ivermec , ivermec, ivermec,
Cria, cria, cria, o nome de Maria Santíssima, ivermec,
expurga.*

Reza um pai-nosso, e pronto. (Benzedeira, 64 anos)

Estas mulheres benzem, preparam e receitam chás, garrafadas, banhos especiais e ungüentos, buscando



aliviar os mais diversos males daqueles que as procuram. As enfermidades tratadas foram agrupadas em duas categorias: doenças físicas e doenças espirituais (Tabela 1).

As benzedeiras de Juruena declararam não cobrar pelas ‘benzições’ que realizam, apenas podem aceitar pequenos presentes ofertados pelas pessoas que o fazem ‘de bom grado’, pois se cobrarem o benzimento pode não ‘surdir efeito’, ou seja, não funcionar. Dessa forma, o não cobrar está ligado ao ‘dom’, que lhes for concedido ‘de graça’, deve, portanto, ser dado. Isto é salientado tanto pelas benzedeiras de Juruena quanto pelos rezadores de Bofete, conforme Cândido (1987), que dizem não cobrar e também aceitar apenas alguns “mimos dados de coração”.

No depoimento de uma das benzedeiras de Juruena, pode-se ter a sustentabilidade das afirmações acima referidas:

... eu não cobro não, mas se quisé me dar alguma coisinha de bom coração, eu pego. Cobrar não, Jesus nunca cobrou nada, foi cura todo dia! (Benzedeira, 45 anos)

No entanto, é sabido que em várias regiões do país há pessoas que cobram pelos benzimentos e consultas espirituais, o que pode ocasionar várias visões distorcidas a respeito deste ofício, como o charlatanismo.

Oliveira (1985) salienta que o ofício de benzedeira não se limita apenas ao ato de como curar, com o uso de símbolos religiosos, mas funcionam como instrumento de intervenção no processo histórico-social, mesmo que estas não sejam conscientes disto. Concordando com a autora, acredita-se que além deste processo histórico-social, também as benzedeiras são verdadeiras ‘médicas’, pois em muitas regiões distantes, onde os recursos médicos oficiais não alcançam, são elas as únicas opções de tratamento e cura para várias enfermidades. Uma discussão sobre este aspecto é apresentada por Santos *et al.* (2005), quando estudaram as medicinas

tradicionais no Vale do rio Negro, no Amazonas. Em Juruena tal fato é compreendido quando se observada a intensa procura pelas benzedeiras, pois mesmo quando ocorria uma entrevista, as benzedeiras sempre interrompiam para atender aqueles que as procuravam.

Amorozo (1996, 1999) define doença como evento que desestrutura a ordem cotidiana, trazendo sempre consigo insegurança. Salienta que a benção serve para uma gama de doenças/sintomas cujas causas são reconhecidas como naturais e por doenças/sintomas com causas não-naturais. Dentre os males, a autora destaca, quebranto, arca-caída, dor-de-cabeça, ventre-virado, dor-de-ouvido, dor-de-dente etc., sendo também estas enfermidades detectadas e tratadas pelas benzedeiras em Juruena (Tabela 1). Nos relatos feitos pelas benzedeiras em Juruena, a aplicação terapêutica das plantas, na cura de vários tipos de doenças do corpo ou do espírito, é evidente e demonstra, assim, uma estreita ligação entre os seres humanos e as plantas nativas e exóticas.

Tabela 1. Principais doenças tratadas e benzidas pelas benzedeiras em Juruena, Mato Grosso, Brasil.

Doenças/Benzimento	Nº de citações
Animal doente	2
Mau-olhado	4
Engasgo	3
Dor-de-cabeça	4
Dor-nas-vistas	4
Arca-caída	4
Quebranto	4
Dor-de-dente	3
Dor-de-estômago	3
Vento virado	2
Verminose	4
Erisipela	4
Dor-de-ouvido	3
Espinheira-caída	3
Rendidura	2
Empachamento	3



Loyola (1984) também cita várias doenças tratadas por especialistas religiosos, os benzedeiros e rezadores da comunidade de Nova Iguaçu. Dentre essas doenças, cita o cobreiro, dor-de-barriga, espinhela-caída, dor-de-ouvido, quebrante, ventre-virado, bronquite etc., que também fazem parte do universo da ‘benzeção’ em Juruena, como observado em trechos dos depoimentos colhidos:

Vem muita gente benzê de quebrante, dor das vistas, das bichas, dor de dente, vem é muito... (Benzedeira, 64 anos)

Quebranto eu benzo fazendo cruz. (Benzedeira, 60 anos)

Eu benzo de picada de cobra, de aranha, de tudo! (Benzedeira, 45 anos)

Garlet e Irgang (2001) observaram que algumas plantas são apontadas pelas mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, com poderes sobrenaturais, que citam guiné para mau olhado e manjerona e maçã contra coisas negativas. Ainda dentro deste universo mágico-religioso, Günewald

(2002) descreve o uso de diversas plantas na preparação de cerimônias espirituais, usadas sob a forma de banhos, como a aroeira, alfavaca, alecrim e angico. Estas plantas são também apontadas para os processos de cura do corpo e entram no preparo de chás medicinais em Juruena, *locus* desta pesquisa.

Em Juruena foram relatadas 87 etnoespécies, distribuídas entre 30 famílias botânicas (Figura 2) total do qual, 57 espécies foram apontadas pelas benzedeiras como medicinais. As plantas são utilizadas no tratamento de doenças como verminoses, corrimento vaginal, gastrite, malária, câncer, tosse, diarréia etc. Também possuem importância místico-cultural, protegendo as pessoas contra ‘mau-olhado’, sendo usadas em ‘banhos de descarrego’ (Tabela 2). Santos e Guarim-Neto (2002) citam 136 espécies, distribuídas em 71 famílias botânicas, sendo as famílias Asteraceae, Caesalpiniaceae, Lamiaceae e Rutaceae as mais representativas entre as utilizadas pelas benzedeiras em Alta Floresta, Mato Grosso.

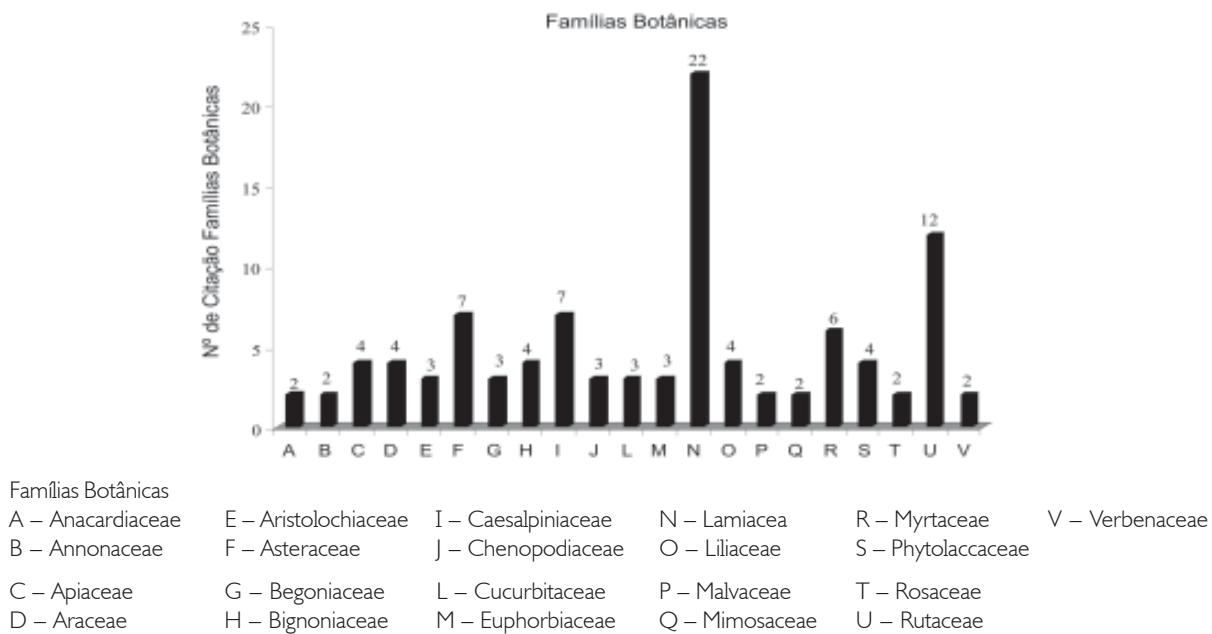


Figura 2. Principais famílias utilizadas na etnomedicina das benzedeiras de Juruena, Mato Grosso, Brasil.

Tabela 2. Universo do conhecimento botânico das benzedeiras de Juruena, Mato Grosso, Brasil; plantas usadas para curar.

TÁXONS	ETNOESPÉCIES	FORMA DE USO	ETNOINDICAÇÃO
Acanthaceae <i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	novalgina/anador	chá	dor-de-cabeça
Alismataceae <i>Echinodorus macrophyllus</i> Miq.	chapéu de couro	chá	diurética
Anacardiaceae <i>Mangifera indica</i> L. <i>Spondia purpurea</i> L.	manga siriguela	chá suco	gripe gripe
Annonaceae <i>Annona muricata</i> L.	graviola	chá	emagrecer
Apiaceae <i>Petroselinum crispum</i> L. <i>Pimpinella anisum</i> L.	salsa erva-doce	no óleo chá	infecção no ouvido, hepatite aumentar leite, dor de barriga (criança)
Aristolochiaceae <i>Aristolochia</i> sp.	cipó-mil-homem	chá	diurética, apêcidite
Asteraceae <i>Brickellia brasiliensis</i> (Spreng.) Robinson <i>Bidens pilosa</i> L. <i>Matricaria chamomilla</i> L. <i>Tanacetum vulgare</i> L. <i>Vernonia polianthes</i> L.	arnica picão camomila catinga-de-mulata caferana	chá chá, banho chá macerado água chá	próstata hepatite limpar intestino infantil machucadura abortiva
Begoniaceae <i>Begonia aconitifolia</i> A.DC.	begônia	banho-de-assento	corrimento vaginal
Bignoniaceae <i>Jacaranda decurrens</i> Cham. <i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur. <i>Tabebuia heptaphyla</i> (Vell.) Toledo	carobinha ipê-amarelo ipê-roxo	tintura banho xarope, lavagem	depurativo ferida/útero pulmão, tosse, ferida no útero
Boraginaceae <i>Sympytum officinale</i> L.	confrei	chá	inflamação
Caricaceae <i>Carica papaya</i> L.	mamão	suco, macerado/água	limpar pele, verminoses, má digestão
Celastraceae <i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.	cancerosa	chá	câncer
Chenopodiaceae <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	erva-de-Sta Maria	macerado água/ leite	verminose de criança, susto de criança
Cucurbitaceae <i>Sechium edule</i> SW <i>Momordica charantia</i> L. <i>Cucumis sativus</i> L.	chuchu melão-de-São Caetano pepino	chá chá suco	pressão alta verminose/criança pressão alta
Euphorbiaceae <i>Chamaesyce coecorum</i> (Boiss) Croizat. <i>Manihot esculenta</i> L. <i>Phyllanthus orbiculatus</i> L.	ponta-lívia mandioca quebra-pedra	chá torrada chá	pontada, gripe, calmante desnutrição pedra nos rins



Tabela 2. Continuação.

TÁXONS	ETNOESPÉCIES	FORMA DE USO	ETNOINDICAÇÃO
Lamiaceae			
<i>Mentha piperita</i> L.	hortelã	chá/macerado/ óleo/leite	verminose/susto criança
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	chá	acalmar criança
<i>Ocimum basilicum</i> L.	alfavaca	chá, emplastro	gripe, pancada, verme
<i>Rosmarium officinale</i> L.	alecrim	chá, garrafada no vinho	quebranto criança, recaída/mulher, infecção, coração
<i>Salvia officinalis</i> L.	sálvia	chá	recaída mulher, gripe, infecção
Lauraceae			
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyne.	canela	garrafada vinho	infecção interna
Liliaceae			
<i>Allium sativum</i> L.	alho	xarope, ao natural	tosse, verminose
Lytraceae			
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) L.	sete-sangrias	chá	diarréia de criança
Caesalpiniaceae			
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	tripa-de-galinha	chá	hemorróida
<i>Bauhinia</i> sp.	pata-de-vaca	chá	rins, estômago
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	copaíba	xarope, chá, lavagem	ferida
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	jatobá	xarope, lavagem	tosse, ferida/útero
Mimosaceae			
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	barbatimão	banho de assento, garrafada	ferida/útero
Fabaceae			
<i>Amburana cearensis</i> (Fr. All.) A. C. Smith	cerejeira	chá	gripe
Malvaceae			
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	algodão	chá	infecção
Meliaceae			
<i>Cedrela odorata</i> Linn.	cedro	chá	malária
Myrtaceae			
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	chá	diarréia, pressão baixa
<i>Myrciaria cauliflora</i> L.	jaboticaba	chá	gripe, diarréia
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	chá	diarréia
<i>Syzygium aromaticum</i> L.	cravo	garrafada/vinho	infecção
Phytolaccaceae			
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	banho, emplastro	reumatismo
Piperaceae			
<i>Piper nigrum</i> L.	pimenta	natural	depressão
Plantaginaceae			
<i>Plantago major</i> L.	tansagem	garrafada/vinho, macerada/ água ou álcool	infecção útero, machucadura
Rosaceae			
<i>Rosa sinensis</i> L.	rosa-branca	banho, chá	refrescar feridas, lavar as vistas



Tabela 2. Continuação.

TÁXONS	ETNOESPÉCIES	FORMA DE USO	ETNOINDICAÇÃO
Rutaceae			
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	garrafada, chá, macerada água	recaída de mulher, lavar vistas, verminoses
Sterculiaceae			
<i>Theobroma grandiflorum</i> L.	cupuaçu	suco	fortificante
Verbenaceae			
<i>Lippia alba</i> (Mill.) Blume	erva-cidreira	chá, suco	calmante, fortificante
<i>Melissa officinalis</i> L.	melissa	garrafada vinho	infecção, calmante
Zingiberaceae			
<i>Zingiber officinallis</i> Rosc.	gengibre	chá	gripe, garganta

Em Juruena pôde-se constatar que o uso medicinal das plantas é marcante, com o relato de diversas aplicações terapêuticas, como já salientado antes, e um número expressivo de pessoas que procuram pelas benzedeiras. Neste estudo isto não foi quantificado, no entanto, através das observações realizadas durante o período de permanência no local, o ofício das entrevistadas era constante, mesmo aos finais de semana. Uma das benzedeiras disse não gostar de “benzer sábados e domingos”, mas benzia assim mesmo, pois não poderia deixar de fazer o bem.

O dom de benzer, herdado naturalmente desde o nascimento, acarreta uma atividade diária a estas mulheres, que muitas vezes têm o seu cotidiano voltado essencialmente ao bem-fazer, ao ato desprendido de curar e aliviar males do corpo e da alma.

As aplicações das plantas pelas benzedeiras de Juruena visam, principalmente, à cura de doenças ligadas ao sistema digestivo e genito-urinário, como diarréias e infecções. Santos e Guarim Neto (2002) salientam também que as principais doenças tratadas pelas benzedeiras de Alta Floresta, Mato Grosso, estão relacionadas ao sistema digestivo seguido pelo genito-urinário e respiratório, concordando com os dados aqui obtidos.

Os recursos vegetais em Juruena, Mato Grosso, estão presentes no cotidiano de seus habitantes, sob as várias formas de uso no combate às enfermidades, ou com importância místico religiosa. Tais plantas são usadas no preparo de remédios ‘espirituais’, como os banhos de descarrego ou, ainda, como ‘amuleto protetor’ (Figura 3). Estas plantas compõem o universo místico marcante nas benzedeiras e também para aqueles que as procuram. Em Juruena os banhos de limpeza ou de descarrego são receitados pelas benzedeiras que indicam várias ervas, destacando-se entre estas o alecrim (*Rosmarinum officinale* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.), guiné (*Petiveria alliacea* L.) e comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta* L.), o que pode ser observado no trecho do depoimento transscrito a seguir:

Prá descarrego eu mando ferver guiné, arruda, sálvia, comigo-ninguém-pode (macho e fêmea), daí o alecrim ou uma outra de cheiro, põe três pitadas de sal na água e joga na cabeça... (Benzedeira, 68 anos)

Vários estudos apontam a importância dos vegetais usados em rituais religiosos, como Camargo (1980), que destaca a presença das plantas na preparação de banhos, bebidas, remédios e rituais de iniciação. Guiné (*Petiveria alliacea* L.) é citada pela autora como amuleto protetor contra espíritos obsessores e limpeza espiritual de pessoas e lugares.



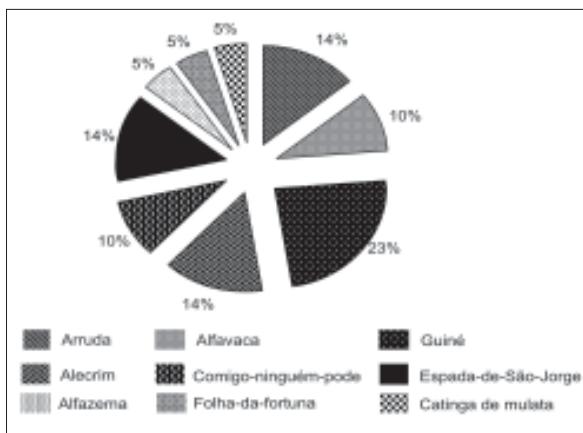


Figura 3. Plantas utilizadas em banhos de descarrego e proteção do lar.

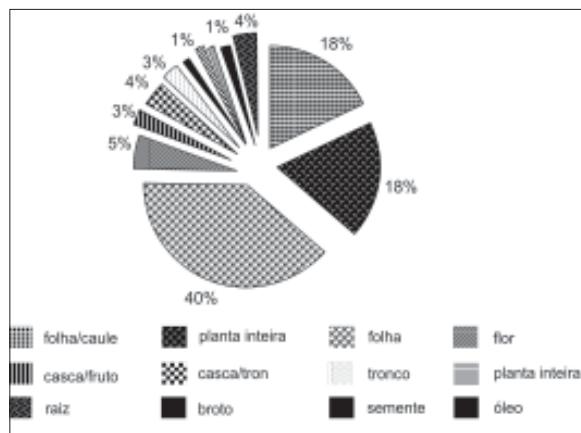


Figura 4. Partes das plantas utilizadas na etnomedicina das benzedeiras de Juruena, Mato Grosso, Brasil.

No conceito de cosmovisão existe uma inter-relação entre o mundo espiritual, natural e humano. A relação do ser humano com o mundo espiritual origina grande número de práticas religiosas. Haverkort e Millar (1994) comentam esta importância das plantas conservadas por serem sagradas. Salientam, ainda, que é comum, em várias localidades, manter determinadas espécies vegetais próximo aos templos. Em Juruena é comum, não só nas casas das benzedeiras, mas também em outras residências, encontrar um vaso na entrada com plantas, como comigo-ninguém-pode, guiné ou arruda, e com a função de proteção do lar, de afastar mau-olhado, demonstrando o místico-simbólico-religioso das pessoas do local.

Em geral, as partes dos vegetais utilizadas no preparo de remédios são folhas, caule, casca do fruto e tronco, semente, flor, além da planta inteira (Figura 4). Santos e Guarim-Neto (2003) verificaram que a parte vegetativa mais utilizada medicinalmente pelas benzedeiras de Alta Floresta, Mato Grosso, é também a folha para a preparação de chás, macerações, garrafadas e banhos.

Günewald (2002) descreve o uso de diversas plantas na preparação de cerimônias espirituais, utilizadas sob a forma de banhos, como a aroeira, alfavaca,

alecrim e angico. Estas também são apontadas para os processos de cura do corpo, entrando no preparo de chás medicinais. Conforme relatos das benzedeiras em Juruena, observou-se que plantas como alfavaca, alecrim, arruda, guiné, entre outras ervas, figuram neste cenário, onde a espiritualidade faz-se presente e se sobressai no universo mágico-simbólico que aflora a partir daqueles que têm o dom da cura (material e espiritual).

A benção é importante na medicina popular, pois os artifícios e estratégias deste saber empírico são criados e reformulados através desta prática. O conhecimento e uso das plantas, através dos banhos, chás, simpatias, massagens, escalda-pés, garrafadas e ungüentos, dentre outras formas de uso, materializam-se nas fórmulas terapêuticas ministradas pelas benzedeiras de Juruena (Figura 5). O uso sob a forma de chá, seja por infusão ou fervura, principalmente quando a parte vegetativa utilizada é a casca, foi a mais citada entre as benzedeiras.

Portugal (1987) comenta que o uso de folhas, raízes, cascas e frutos é cercado de rituais mágicos, de guias, curandeiros, raizeiros e benzedeiros. O autor ainda relaciona tal utilidade das plantas a um passado da medicina oculta da Antiguidade, dominada por sacerdotes e sacerdotisas, os quais receitavam chás e poções e rezavam. Pode-se dizer



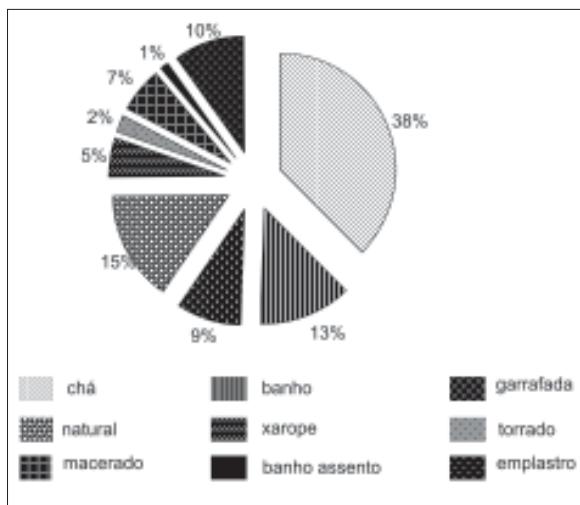


Figura 5. Formas de uso das plantas pelas benzedeiras de Juruena, Mato Grosso, Brasil.

que, ainda hoje, isto pode ser observado em diversas regiões do Brasil, onde benzedeiros e benzedeiras perpetuam esta forma de ligação entre o ser humano e a natureza, através da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A medicina popular praticada pelas benzedeiras de Juruena, em Mato Grosso, vem ao encontro dos anseios das pessoas que as procuram, seja para cura de 'enfermidades naturais ou não'. Estas benzedeiras podem ser tidas como profissionais dentro desta comunidade, atuam como prestadoras de serviços efetuando muitas vezes um papel da medicina que, por vários motivos, se faz ausente. No entanto, trata-se de ofício artesanal que às vezes pensa-se extinto, devido ao sistema capitalista de produção atual.

A benção praticada em Juruena, onde a benzedeira trata e benze com suas rezas, gestos e plantas, outrora transmitido por um parente (geralmente os avós), um amigo ou vizinho, é instrumento de processo histórico-cultural de um povo. Valores e herança cultural estão inseridos na prática de benzer, encontrando meios de permanecerem vivos em Juruena através destas mulheres.

Apesar da tecnologia avançar a passos largos, o benzimento resiste sob a forma das 'mezinhas' formuladas por tais 'profissionais' da medicina não oficializada em Juruena e em muitos lugares do Brasil. Os rituais de rezas e simpatias das benzedeiras, seja no meio urbano ou rural, fazem parte da tradição do povo brasileiro. Estas mulheres, além de recitarem rezas, manipulam plantas e indicam chás, banhos, fazem massagens terapêuticas, aliviando, assim, doenças corporais e males espirituais apresentados pelas pessoas que as procuram.

Fica evidenciada a importância dos vegetais na arte de benção em Juruena e a veracidade desta importância é demonstrada, pois 57 etnoespécies botânicas são manipuladas pelas benzedeiras e utilizadas na cura de doenças naturais ou 'espirituais', sob a forma de chá, banhos etc. Sendo assim, este ofício deve ser reconhecido e valorizado socioculturalmente, pois o mesmo tem importante função nos lugares onde os 'braços da medicina oficial não chegam'.

Estudo etnobotânico deste cunho contribui neste reconhecimento e o registro e a valorização deste saber e desta prática desempenham também importante papel na conservação e perpetuação da diversidade cultural e biológica.

As benzedeiras de Juruena, Mato Grosso, fazem no cotidiano de suas ações um trabalho reconhecido pela população, justificado na intensa procura pelas mesmas, e, assim, eternizam, com seus símbolos, magias e mensagens o ofício da 'benção'; o ofício do bem-fazer.

Este estudo, parte da dissertação de mestrado da primeira autora, foi realizada no município de Juruena, a respeito do uso dos recursos vegetais. O Instituto Pró-Natura (PNUD/GEF/FEMA) atuava em diversos municípios da região desenvolvendo e apoiando pesquisas relacionadas à preservação ambiental e cultural. Sendo assim, foi órgão auxiliador na obtenção dos dados neste processo de recuperação de um conhecimento e preservação da cultura.

AGRADECIMENTOS

Às benzedeiras/rezadeiras de Juruena, pela colaboração na realização deste estudo e pelas bênçãos proferidas.

Aos órgãos financiadores; CNPq, pela bolsa de Mestrado concedida; e ao PNUD/GEF/FEMA/ Instituto Pró-Natura, pelo apoio prestado.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M. C. 1996. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- AMOROZO, M. C. 1999. Medicina tradicional em Santo Antônio do Leverger, MT: a permanência de práticas antigas: o papel dos benzedeiros e suas habilidades. **Revista Saúde e Ambiente**, v. 2, n. 1/2, p. 48-66.
- BACCHI, E. M. 1996. Controle de qualidade de fitoterápicos. In: DI STASI, C. (Org.). **Plantas Medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EdUNESP.
- ARAÚJO, A. M. 1977. **Medicina rústica**. São Paulo: Ed. Nacional.
- BARRERA, A. 1983. La Etnobotánica. In: LA ETNOBOTÂNICA: três puntos de vista y una perspectiva. Xalapa: Instituto Nacional de Investigaciones sobre Recursos Bióticos.
- BECKER, H. S. 1993. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Ed. HUCTEC.
- CAMARGO, M. T. 1980. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros**. São Paulo: Ed. AIMED.
- CÂNDIDO, A. 1987. **Os parceiros do rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio Rio de Janeiro.
- CARNEIRO, H. 1994. **Filtros, mezinhas e triacas**: as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã.
- DIEGUES, A. C. (Org.). 2000. **Etnoconservação**: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo: HUCITEC, NUPAUB.
- DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. C. C. (Org.). 2001. **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB.
- DI STASI, L. C.; HIRUMA-LIMA, C. A. 2002. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. São Paulo: EdUNESP.
- FERREIRA, J. C. V. 2001. **Mato Grosso e Seus Municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado da Educação, Ed. Buriti.
- FURTADO, L. G. 1987. **Curralistas e redeiros de Marudá**: pescadores do litoral do Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- FURTADO, L. G. 1993. **Pescadores do rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- GALVÃO, E. 1976. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. São Paulo: Ed. Nacional.
- GARLET, T. M. B.; IRGANG, B. E. 2001. Plantas utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta rio Grande do Sul. **Rev. Bras. Pl. Méd.**, v. 4, n. 1, p. 9-18.
- GREENWOOD, E. 1973. **Metodología de la investigación Social**. Buenos Aires: Editora Paidós.
- GUARIM NETO, G. 1987. **Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato Grosso, Brasil**. Brasília, DF: MCT, CNPq.
- GUARIM NETO, G. 1996. **Plantas medicinais do Estado do Mato Grosso**. Brasília: ABEAS.
- GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. 2003. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Bot. Bras.**, v. 17, n. 4, p. 561-584.
- GÜNEWALD, R. de A. 2002. A Jurema no regime de índio: o caso Atikum. In: MOTA, C. N. da; ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). **As muitas faces da Jurema**: da espécie botânica à divindade afro-indígena. Recife: Bagaço.
- HAVERKORT, B.; MILLAR, D. 1994. Constructing diversity: the active role of rural people in maintaining and enhancing biodiversity. **Etnoecológica**, v. 2, n. 3, p. 51-64.
- IBGE. 2000. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**: censo demográfico ano 2000. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: dez. 2002.
- JANUÁRIO, E. R. S. 2006. **Memórias do beira-rio**: história de vida de uma moradora ribeirinha. Cáceres: Ed. UNEMAT.
- LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P. L. 1989. **Medicinas paralelas**. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- LORENZI, H.; MATOS, J. F. A. 2002. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum.
- LOYOLA, M. A. 1984. **Médicos e Curandeiros**: conflitos social e saúde. São Paulo: Ed. DIFEL S.A.
- MING, L. C. et al. 2003. Manejo e cultivo de plantas medicinais: algumas reflexões sobre as perspectivas e necessidades no Brasil. In: DIVERSOS olhares em Etnobiologia, Etnoecologia e Plantas Medicinais. Cuiabá – MT: [s.n.].
- NETO, O. C. 1994. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: SOUZA, MINAYO M. C de et al. (Org.). **Pesquisa Social teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. v. 1.
- NETO, V. J. 2003. História dos projetos particulares de colonização Juruena e Cotriguaçu. In: WORKSHOP DE PLANEJAMENTO BOIORREGIONAL DO PROJETO VIDAMAZÔNIA, 2., Cuiabá, Anais... Cuiabá: Instituto Pró-Natura.
- NODA, S. M. R. 2000. **Na terra como na água**: organização e conservação de recursos naturais terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia brasileira. Tese (Doutorado) – IB/UFMT, Cuiabá.
- OLIVEIRA, E. R. 1985. **O que é benção**. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- PASA, M. C. 1999. **A utilização dos recursos vegetais no Vale do Aricá, Mato Grosso**: um estudo etnoecológico. Dissertação (Mestrado) – IB/UFMT, Cuiabá.



- PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá-Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasílica**, v. 19, n. 2, p. 195-207.
- PORTUGUAL, F. 1987. **Rezas, folhas, chás de Rituais dos Orixás**: folhas, sementes, frutos e raízes de uso litúrgico na Umbanda e no Candomblé com uso prático na medicina popular. São Paulo: Ed. Tecnoprint.
- POSEY, D. A. 1987. Etnobiologia: teoria e prática. **Suma etnobiológica Brasileira**, Etnobiologia. Petrópolis, v. 1.
- QUEIROZ, M. S. 1980. Feitiço, mau-olhado e susto: seus tratamentos e prevenções: aldeia de Icapara. **Religião e Sociedade**, v. 5, p. 131-187.
- REVILLA, J. 2001. **Plantas da Amazônia**: oportunidades econômicas e sustentáveis. Manaus: SEBRAE/AM.
- SANTOS, A. M. S. et al. 2005. Medicinas tradicionais no vale do rio Negro (Amazonas, Brasil). Observações sobre etnofarmacologia e o uso da planta saracura-mirá (*Ampelozizyphus amazonicus*): atividade farmacológica e/ou eficácia simbólica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Ciências Humanas**, v. 1, n. 1, p. 137-147.
- SANTOS, S. dos; GUARIM-NETO, G. 2003. Medicina tradicional praticada por benzedeiras de Alta Floresta, Mato Grosso. In: DESAFIOS da Botânica Brasileira no Novo Milênio, Sistematização e Conservação da Diversidade Vegetal. Belém-Pará: [s.n.]. Congresso Nacional, 54. Reunião Amazônica, 3.
- THIOLLENT, M. 1994. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez.
- VIERTLER, B. R. 2002. Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em Etnobiologia, Etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M. et al. **Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq.

Recebido: 23/02/2005
Aprovado: 15/05/2006

